



Conferência: *Entrevista especial*

Por Luciana Thomé

A arte em nome da liberdade

Ai Weiwei é um dos artistas-ativistas mais destacados da atualidade. Artista plástico, cineasta, *designer* e arquiteto nascido na China, é um defensor da liberdade de expressão e dos direitos humanos. Um de seus projetos mais recentes aborda a crise de refugiados, tema de seu filme *Human Flow*, de 2017. Neste evento especial da temporada 2018 do *Fronteiras do Pensamento* Porto Alegre, ele foi entrevistado pelo curador e diretor artístico brasileiro Marcello Dantas. Dantas é o curador da exposição *Ai Weiwei Raiz*, que apresenta em São Paulo (até janeiro de 2019, na Oca do Ibirapuera) toda a iconografia do artista e obras nas quais ele fornece uma interpretação da cultura brasileira. Liberdade de expressão, democracia e arte foram os principais temas da conversa.

Na primeira pergunta, Dantas aproveitou o momento eleitoral recente do Brasil e perguntou qual o antídoto para o racismo e a intolerância no mundo atual. Weiwei ressaltou que é possível prever o que vai acontecer no País. “Precisamos ver, realmente, como é importante o envolvimento dos indivíduos na defesa dos seus próprios valores. E não podemos deixar que os políticos assumam tudo, assim como não podemos deixar que outras pessoas desenhem o nosso destino. Estar aqui, neste momento, faz com que eu me sinta mais relevante com a minha arte para me comunicar com as pessoas e discutir as possibilidades de como reagir, como nos defendermos e sermos uma sociedade moderna. Sermos cidadãos que podem realmente dizer o que pensam.”

Dantas enfatizou que, após a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, os brasileiros também apoiaram no primeiro turno um candidato que faz discursos de ódio. Um mundo em conflito apresentado no filme *Human Flow*, que conta a trajetória de milhões de refugiados que saem de seus locais de origem para evitar guerras, fome, miséria e conflitos. Para Weiwei, a globalização criou problemas não apenas ambientais, mas sociais, separando ainda mais

Apresentação



Patrocínio



Parceria Cultural



Parceria Institucional



Empresas Parceiras



Apoio Institucional



Universidade Parceira



Promoção





pobres e ricos dentro da sociedade. “Isso trouxe muito potencial de conflitos. Simplesmente porque os vulneráveis acabaram sendo negligenciados pelas classes privilegiadas, que não assumiram nenhuma responsabilidade. Especialmente os países mais poderosos que não assumem nenhuma responsabilidade pelos mais pobres ou os refugiados. Então, o que nós vemos hoje, as fronteiras que vemos no mapa hoje não são exatamente as fronteiras da situação política e econômica. Isso acabou gerando uma grande tempestade, por assim dizer, em termos políticos. Há muitas pessoas que cegamente votam nesses políticos que realmente podem dizer coisas agressivas. E que, obviamente, podem acabar levando a um retrocesso em termos políticos e sociais.”

Para a produção de *Human Flow*, Weiwei percorreu 23 países e entrevistou mais de 600 pessoas. Atualmente, há mais de 68 milhões de refugiados no mundo, e muitos deles continuarão nessa situação por até três gerações de suas famílias. Foi essa circunstância trágica que o cineasta tentou mostrar no documentário. “E a conclusão é simples: não há uma crise de refugiados. Há uma crise humanitária. O refugiado faz parte de nós, e todos nós temos alguma história relacionada a refugiados. Não há um único refugiado que queira mesmo sair da sua casa. O que aconteceu? Eles acabaram sendo obrigados a sair por vários motivos. E muitos desses motivos estão relacionados a pessoas que nem mesmo sabem que refugiados existem.”

Em sua infância, Weiwei também foi um exilado, por conta da perseguição política sofrida por seu pai, o poeta Qing Ai, na China. “O meu pai era poeta. E ele foi exilado só pelo fato de escrever coisas de que o governo não gostava, porque eles acharam que era anticomunista. Então, no ano em que eu nasci, ele foi mandado para um deserto, numa região muito remota, para ser reeducado. Eu nunca tive essa sensação de casa, de lar, na verdade. Porque a gente nunca sabia quando ou para onde ele seria mandado. Não pertencíamos a algum lugar. E, por isso, acabei me envolvendo mais com a questão dos direitos humanos, da liberdade de expressão, para defender essas pessoas que não têm voz. Que não pertencem a lugar algum. Que não têm identidade alguma. E que, às vezes, parece que nem existem.”

Um dos episódios lembrados pelo artista foi o momento em que ele acompanhou o pai na queima de todos os livros da biblioteca da família, seguindo a proibição de literatura, música e arte na China comunista. “Meu pai nunca me deixou ler porque ele achava que isso ia

Apresentação



Patrocínio



Parceria Cultural



Parceria Institucional



Empresas Parceiras



Apoio Institucional



Universidade Parceira



Promoção





machucar os meus olhos. Era o que ele dizia. Ele sabia que ler poderia me causar problemas. E Mao (Tsé-Tung) faleceu e a sociedade mudou um pouquinho. Comecei a me envolver com arte só como uma forma de fugir da propaganda política ou das restrições políticas. Então, eu me tornei um artista. Mas nunca gostei da arte, porque, por estar na China, o tipo de arte e as possibilidades de fazer arte lá eram muito limitadas. Mas esse foi o início.”

Sobre a internet como ferramenta de ativismo, Weiwei explicou que na China existe a chamada “internet regional”, sem acesso às redes sociais que o restante do mundo usa e sob o controle da “polícia da internet”. No período em que a vigilância não era rígida como atualmente, o artista era muito ativo em seu *blog*. “Eu escrevia artigos todos os dias. Às vezes, escrevia até três artigos por dia, criticando a situação política de forma muito aberta e direta. O resultado é que eu fui espancado pela polícia, e isso causou uma hemorragia no meu cérebro. E o meu *site* foi fechado. Hoje, se algum chinês digitar o meu nome na internet, a frase vai desaparecer. Ou seja, o meu nome não pode mais aparecer na internet chinesa. Mas a internet a nível global, hoje em dia, é uma ferramenta importantíssima para que o indivíduo se torne um indivíduo.”

Questionado sobre o interesse de ainda lutar pela liberdade na China, Weiwei foi categórico. “Eu tenho interesse em lutar pela liberdade em qualquer lugar. Porque acho que a liberdade tem a ver com todos. As condições humanas precisam ser protegidas em qualquer lugar do mundo. E, sim, na China, mas não só lá. Nos Estados Unidos também. Ou poderia ser aqui no Brasil. Pode ser em qualquer lugar.”

Durante o trabalho para a exposição *Ai Weiwei Raiz*, o artista teve contato com livros e objetos relacionados à escravidão no Brasil, que ele considera uma parte triste da história humana. “Hoje nós vivemos num mundo que deve olhar de forma mais ampla para a condição humana e para os direitos humanos. Por isso que a condição humana e os direitos humanos sempre devem ser discutidos, dando-lhes novas definições. Na verdade, não é um valor que podemos criar. Na verdade, é algo pelo qual devemos lutar constantemente.”

Weiwei, que é o próprio financiador da maioria de seus projetos, montou três ateliês no Brasil. Entre as obras realizadas está a reprodução de um pé de pequi, com 35 metros de altura e com mais de mil anos, árvore que está sendo modelada em ferro. “O processo é parecido com

Apresentação



Patrocínio



Parceria Cultural



Parceria Institucional



Empresas Parceiras



Apoio Institucional



Universidade Parceira



Promoção





a construção de uma pagoda. Uma prática religiosa. E, finalmente, fizemos essa moldagem com 100 pedaços diferentes de moldes e, agora, o molde está no meio do oceano. Está quase chegando na China. No ano que vem, a árvore vai ser montada. Aí as pessoas me perguntam: 'Onde é que você vai exibi-la?'. Eu não sei. E me perguntam: 'Por que você fez isso?'. E eu respondo: 'Não sei. É como perguntar por que você ama alguém'. Eu não sei. Não é fácil explicar esses sentimentos tão profundos. Você sente que tem que fazer e aí você tem a possibilidade de fazer."

Dantas questionou o artista sobre as maneiras de reagir à violência, que tem aumentado no mundo. Weiwei salientou que existe a violência que é fruto do ódio e existe a violência na situação política. E que, na maioria dos casos, a violência política é igualmente grave porque coexiste com a noção de vida pacífica. "Eu acho que esse tipo de violência, para mim, é algo que causa mais danos. Porque acaba destruindo diretamente as nossas crenças ou os sentimentos que temos em nosso coração. Por isso que nós temos que nos defender. Bom, nós também temos que nos defender contra a violência. Nós temos que usar ideias mais fortes, um pensamento mais potente. E temos que agir. Agir em relação às condições políticas e acreditar que isso é a sociedade humana. Ou seja: foi criada por humanos. E nós somos plenamente responsáveis por aquilo que acontece hoje."

Sobre a violência política e a ameaça à democracia, Weiwei observou que muitos países como Estados Unidos, Alemanha, Suécia e Austrália enfrentam o mesmo problema. "Você acha que isso é um movimento orquestrado? É como falarmos de doenças. São coisas que acontecem. É muito difícil analisar por que está acontecendo. Mas acontece. É a realidade. Isso não apenas faz com que as pessoas ajam. Nós temos que perceber que os nossos direitos estão sendo violados. E nós somos responsáveis por isso. E também a chamada democracia, em muitos sentidos, foi um grande fracasso. Na verdade, ela não apoiou a mudança social ou a mudança positiva. Mas, de muitas formas, ela acabou inclusive destruindo o que já havia. Então, a democracia pode ser hackeada. Na verdade, muitas vezes ela já começa com problemas. Se o sistema democrático não consegue ser melhorado, isso então realmente seria um problema."

O artista falou sobre o cenário atual na China, onde há mais de 30 anos ocorreu o Massacre na Praça da Paz Celestial – evento do qual muitos chineses sequer conhecem –, e sobre a destruição de seus ateliês em Xangai e Pequim. "Nós temos mais de 70 fronteiras no mundo.

Apresentação



Patrocínio



Parceria Cultural



Parceria Institucional



Empresas Parceiras



Apoio Institucional



Universidade Parceira



Promoção





Um grande percentual criado nos últimos poucos anos. Mas as fronteiras são ridículas. Sabemos disso. A China construiu a Grande Muralha da China há muito tempo. É uma muralha forte e poderosa, já tem 2 mil anos. O meu pai visitou o muro de Berlim antes de ele ser derrubado. E ele escreveu um poema. O nome do poema é *O muro*. Aí ele disse: 'Não importa quanto tempo ou quão forte. Ele não vai impedir o vento ou as aves. Mas, mesmo se ele for mais longo e mais forte, como é que você vai impedir que as pessoas lutem pela liberdade?'. Eu acho que sim. Há momentos trágicos criados pelas pessoas, pelos políticos. Ou pelo ódio. Mas, mesmo assim, tudo isso só pode ser resolvido por nós. Porque esses muros não devem ser construídos nos nossos corações. E se o muro estiver no nosso coração, esse será o muro mais forte. E isso, então, acabaria limitando as pessoas e limitando as possibilidades. E aí todos estaríamos realmente ferrados."

Apresentação



Patrocínio



Parceria Cultural



Parceria Institucional



Empresas Parceiras



Apoio Institucional



Universidade Parceira



Promoção

